

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

GEISEBEL DE JESUS SOUZA

**A INFLUÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO
ALUNO LEITOR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

GEISEBEL DE JESUS SOUZA



**A INFLUÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO
ALUNO LEITOR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Aprigio

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

A influência da leitura literária na formação do aluno leitor

Por

Geisebel de Jesus Souza

Esta monografia foi apresentada às 19:30 h do dia três **de Outubro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho apto.

Prof. Dr. Antonio Aprigio
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Ms. Evandro André Konopatzki
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Ms. Neron Alipio Cortes Berghauser
UTFPR – Câmpus Medianeira

A versão assinada deste documento encontra-se na coordenação

Dedico ao meu esposo Silvio
e aos nossos filhos, Isaac e Arthur.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Dr. Antônio Aprigio pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Aos colegas do curso que tornaram a vida mais animada e possibilitaram discussões valiosas e uma grande amizade.

Ao meu especial esposo e companheiro de todas as horas Silvio, grande incentivador de todas as minhas ações.

Enfim Agradeço a todos que contribuíram na construção desta Monografia e em minha jornada acadêmica.

“Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!
(Castro Alves)

RESUMO

GEISEBEL de Jesus Souza. **A influência da leitura literária na formação do aluno leitor**. 2014. 38. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho abordou como temática, a leitura literária como influenciadora na formação do aluno leitor, é necessário e preciso pensar no ensino da leitura, pois a leitura permite reconhecer o mundo, em perceber-se nele, ela é capaz de transformar, aguçar a criatividade, exercer o poder da reflexão enquanto um cidadão, este poderia ser o início para uma educação que valorize a leitura, mas a leitura emancipadora e não apenas um apanhado de livros qualquer, uma leitura por leitura, mas sim a permissão de se protagonizar como leitor. Pois, o atual discente lê, mas não com competência, devido ao mar de tecnologias ofertadas no mercado, com a globalização da informação, da comunicação, tem-se uma leitura superficial e de modismo, neste novo contexto tem-se alunos que leem mais, porém a criticidade de leitura é nula, alunos argumentadores no universo escolar é insignificante. A literatura tem apontado o professor enquanto propulsor da leitura literária, em diversas vezes é leitor do livro didático, do material que leva para a sala de aula, devido ao excesso de trabalho em sala de aula, o que o impede de ter tempo para pesquisa, fator esse, que favorece a pouca leitura, que o impede de levar os livros para sala de aula, esse que é valoroso na formação de leitores competentes, pois sempre se terá mais informações na leitura de um romance na íntegra do que em parte dele, ressalta-se que a literatura é capaz de propiciar mais do que a leitura superficial de palavras expostas no papel ou na tela de um celular, computador, ela pode proporcionar a leitura crítica, haja vista que a leitura tem seu papel social na formação do ser como aluno crítico, o que sabe mais do que apenas decodificar as palavras.

Palavras-chave: Leitor. Formação. Leitura. Literatura.

ABSTRACT

GEISEBEL, de Jesus Souza. **The influence of literary reading in the formation of the student reader**. 2014. 38. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work addressed as a theme, literary reading as influential in shaping the student reader, and it is necessary to think in teaching reading, because reading allows recognizing the world, perceiving in him, The literature is able to transform, sharpen creativity exercise the power of reflection as a citizen, this could be the start to an education that values reading, but emancipatory reading and not just a summary of any books, a reading by reading, but permission to star in as a reader . For the current student reads, but not competence, as the sea of technologies offered in the market, with the globalization of information, communication has become a fad and superficial reading, this new context there have been students who read more but the critical reading is zero, argues students in the school environment is negligible. The literature has pointed to the teacher as a driver of literary reading in several times is the textbook, the material that leads to classroom reader, due to overwork in the classroom, which prevents him from having time to search , this factor, which favors the little reading, which prevents him from taking the books to the classroom, one that is valuable in the training of competent readers, they always have more information on reading a novel fully than in his part it must be stressed that literature is able to provide more than superficial reading words on paper or displayed on a mobile phone, computer screen, it can provide a critical reading, given that reading has its social role in the formation of be as critical student, you know more than just decoding the words.

Keywords: Reader. Formation. Reading. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1 A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	12
3.2 A ESCOLA E O LEITOR DE LEITURA LITERÁRIA	15
3.2.1 O professor enquanto propulsor da leitura literária	21
3.2.2 As mídias como influência à leitura literária.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A leitura desempenha um valoroso papel social na formação do indivíduo, ela amplia os horizontes, é como nenhuma outra habilidade humana, um importante instrumento de emancipação. A leitura literária altera a visão de mundo, aguça o senso crítico, amplia as experiências e conhecimento, insere o indivíduo socialmente, culturalmente.

Por este olhar, teve-se a intenção em pesquisar: A disciplina de literatura é trabalhada de forma que desperte o aluno para o mundo da leitura? Que o estimule a ler, que forme um leitor apto?

Pois, é visto que os alunos de hoje têm acesso a tudo e, ao mesmo tempo, a nada, encontram-se na era da informação sem censura. Apenas um click e podem estar em qualquer lugar, conectados às mais diversas informações, aos mais diversos conteúdos. O aluno contemporâneo está marcado pelas novas tecnologias digitais e pela mobilidade destas, mas será que tem dado conta de todo esse sistema de informação? Ele realmente está sendo instruído corretamente do uso adequado, do acesso a conteúdos propícios? A internet, as novas tecnologias têm-nos afastado do mundo da leitura ou lhes propicia um novo olhar à leitura?

Os adolescentes e jovens de hoje dizem não gostarem de ler, e quando se fala em textos literários a repulsa é enorme, enquanto na realidade a maioria deles, não tiveram o prazer de manusear e ler um livro, nem a oportunidade de conviver em um ambiente, em uma comunidade de leitores, tão pouco ter contato com a literatura literária.

Teve-se o objetivo de pesquisar através das bibliografias / literaturas disponíveis impressas ou não, analisar se a escola /o professor tem trabalhado adequadamente com o texto literário em sala de aula? Se a leitura de textos literários contribui na formação de alunos leitores competentes? E o professor como formador do leitor competente, está pronto para trabalhar com o texto literário em suas aulas, em meio aos artifícios tecnológicos, vídeos, filmes, músicas, celulares, e toda a tecnologia que o mercado vem disponibilizando? Visto que a escola é espaço para a articulação, socialização, da integração e formação do indivíduo, a convivência escolar vem a ser um dos primeiros passos para a integração social do indivíduo e, o professor o elo desta socialização e formação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Buscou-se compreender através das referências bibliográficas, das literaturas disponíveis, a influência da leitura literária na formação do aluno leitor. Com a contribuição de Zilberman, Lajolo e Perrone - Moisés, entre outros autores, explorou-se, a formação do aluno leitor nas escolas públicas, de que forma a escola e professores tem contribuído para essa formação, que se faz tão necessária no atual contexto, formar cidadãos aptos e autônomos em suas ações sociais e coletivas.

A pesquisa foi realizada no período de Dezembro de 2013 a Setembro de 2014, em um primeiro momento a catalogação de literaturas que abordassem a temática pesquisada, a leitura literária e formação do aluno leitor, depois através do estudo das literaturas delimitou-se o tema e a elaboração do trabalho ocorreu no segundo semestre do ano de 2014.

Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, que segundo Severino, (2007, p.122), é a utilização *“de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados.”*, teve-se como objeto de pesquisa a influência da Leitura Literária na formação do aluno leitor, das escolas públicas. Pesquisou-se de forma exploratória, buscando-se levantar informações a respeito do objeto de pesquisa, quais os estímulos que o aluno contemporâneo tem recebido à leitura de literatura, esta que é capaz de aprimorar o intelecto do discente, de inseri-lo no ambiente cultural.

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura já foi uma prática somente de um pequeno grupo da sociedade, regalia das classes mais abastadas, o livro fora objeto de guarda, mantido nas residências dos ricos e, depois nas bibliotecas particulares, o manuseio e a leitura era comum entre os cultos, que também eram a elite e as dinastias que detinham o poder, a maior parte da população em séculos anteriores eram analfabetas, assim: “As pessoas que queriam familiarizar-se com determinado livro ou autor tinham, amiúde, mais chance de ouvir o texto recitado ou lido em voz alta do que de segurar o precioso volume nas mãos.” (BRAGA, 2008, p. 2).

Em séculos anteriores o aprendizado de leitura iniciava-se pela identificação separada das letras, posteriormente das sílabas, era a técnica de decodificação e, quando obtinha-se o domínio da leitura, ela era praticada em praças públicas em voz alta, e não por prazer e sim por obrigação de sua função ou posição social. (MACHADO, 2001, p 2-3).

No final do século XVI os Jesuítas introduziram o ensino de Literatura no Brasil, a poesia, as cartas, discursos dos gregos e latinos era utilizado no ensino da retórica e da poesia, método dos Jesuítas (BARBOSA S, 2012, p.4). “A leitura dos clássicos servia tanto para conhecer as regras da boa conduta, adquirir erudição, como o da sua escrita(...)” (BARBOSA S, 2012, p.4). A Literatura era ensinada através de moldes pré estabelecidos, era a imitação da Literatura existente, “Porque na leitura dos melhores autores aprende-se melhor” (BARBOSA S, 2012, p.6).

O ensino da Literatura também tinha o intuito de dar auxílio a compreensão da leitura, visto que a Literatura da época exigia um imenso domínio técnico e intelectual, “até o século XVIII o termo Literatura significava erudição, conhecimento, ciência, filosofia, história(...)” (BARBOSA S, 2012, p.6), e esta forma de ensinar Literatura continuou até meados do século XIX, quando foi substituído pela História da Literatura, que consistia em, selecionar as obras de forma hierárquica, seguia-se a sequência cronológica dos textos, obras, autores e sua biografias. (BARBOSA S, 2012, p.8).

Com a reforma educacional de Beijamim Constant, no ano de 1889, na época da República o ensino de Literatura Brasileira foi incluído nos colégios, “O estudo da Literatura centrava-se na vida e obra dos autores, sem preocupação com a leitura do texto em sua íntegra.” (RIBEIRO, 2013). O ensino ignorava a realidade da vida brasileira, distantes dos acontecimentos do cenário que permeava a realidade.

Modelo este, que ainda hoje é seguido, utilizado pela maioria dos professores das escolas públicas do Paraná, pois é a forma como os livros didáticos abordam o estudo de Literatura, assim constatado por Sozza (2009, p. 350) em sua pesquisa, quanto a compreensão de leitura dos alunos“(...) o ensino em grande parte livresco e tratado de modo tradicional”, este que em muitas vezes não reflete ao contexto dos discentes. Obra, autor, biografia e período em que a obra foi escrita. Primeiro Literatura Portuguesa, em seguida Literatura Brasileira com suas respectivas escolas literárias, ainda de forma hierárquica. A literatura quando abordada tradicionalmente, não incentiva o aluno a leitura literária, não é estimulante conhecer a obra, pois as aulas de literatura abordam a história da literatura, ressaltam-se os períodos literários, mais do que a leitura e discussão da obra.

Segundo Bredella in Sozza (2009, p. 350):

A crítica sobre o ensino tradicional está no fato de ele não refletir o seu significado sóciopolítico e de se orientar pela ciência da literatura e pelos critérios desta, válidos apenas para uma literatura de caráter muito restrito e elitista, ao mesmo tempo de pouco efeito e pouco motivador sobre as crianças das camadas mais baixas.

O professor enquanto leitor, ele lê o livro didático, prepara as suas aulas segundo o conteúdo que o livro didático aborde, planeja seu plano de trabalho, suas aulas segundo o livro, a grande maioria dos docentes segue o livro como sua cartilha, seu manual de aula, assim expõe Sozza:

A compreensão de sentidos do professor não vai muito além da compreensão do aluno a não ser pela sua experiência de mundo. Na verdade, nós professores somos muito mais leitores de mundo do que leitores de livros. Quando se fala em leitura de livro, o livro que mais orienta o professor em seu trabalho é o livro didático, por não ter conhecimento o suficiente para produzir outros materiais ou por insuficiência de tempo para pesquisa. (2009, p. 352)

O docente não busca e nem insere novas leituras, pois grande parcela dos professores trabalha de 40 a 60 horas semanal, acarretando excesso de trabalho, o que resulta na falta de tempo, conseqüentemente ele terá mais trabalho burocrático, mais alunos, mais provas e atividades a serem preparadas, e mais correções, ainda que, atualmente têm-se salas de aula abarrotadas de alunos, em se tratando de Ensino Médio, onde a disciplina de Literatura é explicitamente cobrada, então o profissional de educação acata o livro didático. Quadro que induz a aulas monótonas, e sem muita criatividade, limitando as aulas de Literatura aos textos que estejam no livro e a sequência cronológica que o livro propõe.

A educação aliada às práticas leitoras pode transformar a realidade social, pode mudar a visão de mundo do aluno, sendo um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “contemplar uma formação plena dos alunos”, de modo que possa desenvolver seus conhecimentos linguísticos e discursivos, os conhecimentos clássicos e a realidade social política. (MACHADO, 2001, p. 86). As propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se em torno do texto, sendo que os PCNs da área de Língua Portuguesa têm como foco que o aluno amplie o domínio da língua e da linguagem, o texto deve ser a base do trabalho docente e deve-se considerar a diversidade de textos que circulam socialmente. Para que o docente propicie este trabalho em sala de aula, ele necessita ser conhecedor de sua disciplina, dar coerência em suas aulas, compreender a história da alfabetização, da leitura e literatura na escola brasileira, e evidentemente considerar o seu alunado em sala de aula, pois só assim: “[...] poderá perceber-se num processo que nem começa nem se encerra nele, e poderá, no mesmo gesto, tanto dar sentido aos esforços dos educadores que o precederam, como ainda sinalizar o caminho dos que o sucederão”. (LAJOLO, 2001, p. 22)

A escola torna-se uma das principais fontes para a prática e gosto por leitura literária, capaz de estimular o alunado ao interesse à leitura e pelas literaturas. Neste contexto a escola desempenha o papel de agente socializador, sendo capaz de fazer permanecer ou desaparecer determinados comportamentos – bom /ruim -, pois, “o aluno é fruto de seu tempo histórico, das interações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar” (DCEs, 2008, p.14).

Assim é preciso, que o professor saiba discernir quais literaturas aguçarão, agradarão e despertarão o seu aluno-leitor, porém sem deixar de lado leituras essenciais da literatura, – da Clássica à Contemporânea –, mas, que ele saiba utilizar-se das obras que o mercado contemporâneo disponibiliza para chegar aos grandes clássicos, que ele saiba utilizar-se das obras populares para aproximar-se das clássicas, por isso, se faz necessário o conhecimento do professor a respeito de seus alunos, das obras clássicas, não clássicas, do que o mercado atual disponibiliza e prioriza para o aluno ler.

Da Silva (1986, p.14), orienta para a produção existente no mercado , “literatura de consumo e de reprodução” a que oprimi as classes desfavorecidas através da cultura de massa(dos best-sellers as telenovelas) e a literatura literária, que promove mudança, que é veículo para a libertação, no entanto, “(...)”caberia” aos nossos agentes sociais distinguir quais dessas modalidades que o processo de socialização educação, dos jovens e adolescentes, dentro da qual subjaz a leitura, fosse mais significativo menos frustrante e desgastante.”.

Compreende-se assim, que o professor é o elo, entre aluno, livro e a leitura, ou seja, o docente deve colocar-se como parceiro de seus alunos favorecendo a informação entre os discentes através da leitura, de forma que o seu fazer didático aproximará o aluno do mundo da leitura, e este os aproximará do livro, “garantindo assim que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem”. (PCNs, 1997, p. 37)..

A literatura é um lugar de memória e formação para valores, inserir a literatura no cotidiano escolar, fazer com que os alunos se interessem por elas, que ela tenha um real privilégio dentro da escola, deve ser um dos objetivos pedagógicos da escola, e uma meta dos professores, porque ela, nos conta muito sobre uma época, uma sociedade, nos permite analisá-la, compreendê-la, conhecê-la de fato, assim como os indivíduos inseridos nela.

3.2 A ESCOLA E O LEITOR DE LEITURA LITERÁRIA

O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, pois a leitura e a escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, sendo que há uma grande chance de um bom leitor ser um bom escritor, porém não se garante que quanto mais se ler melhor será a escrita, pois este não é um processo mecânico. (PCNs, 1997, p.40). O ato de ler não deve ser apenas decodificação, ser leitor não é apenas decodificar as letras, identificar as palavras, e sim ler é compreender uma frase ou texto e seu contexto, poder ler as entrelinhas de um texto, pois a:

Leitura é interação: (...) As atividades de leitura, desde as primeiras etapas escolares, visam o desenvolvimento de competências que permitam compreender o texto como manifestação de um ponto de vista autoral, assumido a partir de determinado contexto histórico. (MARCHI e FILIPOUSKI, 2009, p. 10).

Portanto, a leitura está além da decodificação: “Aprendemos a ler o mundo antes de ler os textos”, segundo Paulo Freire (1989, p. 9 -12) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. O ato de ler não termina na pura decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, a leitura de um texto realizada como pura descrição de um objeto, como pura decifração da palavra ou, da linguagem escrita, não é real leitura, portanto, não resultará o conhecimento do objeto de que o texto fala.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, traz a leitura como ato interativo, do leitor com o texto. “Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita” (1997, p. 36), ou seja, através de sua compreensão de mundo, de sua bagagem agregada, o leitor contribuirá para o significado do texto, dentro de um processo ativo, pois o leitor não é o objeto, ele é o sujeito, o que irá praticar e atuar no processo de leitura.

Com o decorrer dos séculos a leitura, o leitor, a literatura sofreu diversas transformações, pois a cada época surgiam novos leitores e conforme se mudavam as comunidades leitoras, também se alterava os conteúdos da literatura, da linguagem, ajustando-se de acordo com a capacidade leitora de cada qual, pois segundo Machado (2001) nem todos que sabem ler leem da mesma forma, existe leitores mais hábeis e o menos hábeis.

A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é o uso do corpo e uma atenção especial deve ser dada às maneiras de ler que

desapareceram ou que, pelo menos, foram marginalizadas no mundo contemporâneo. A leitura não deve limitar-se apenas à maneira de ler contemporaneamente, ela deve, sobretudo, reencontrar os gestos esquecidos, os hábitos que desapareceram e, além de manter o homem intelectualizado, deve também servir de deleite e prazer para o homem moderno que vive diariamente a revolução eletrônica. (MACHADO, 2001, p. 20)

A literatura traz informações do tempo, da história, de modo lúdico, ela conta como o homem viveu em determinado contexto, como foi a relação política, econômica, a cultura de um povo, os valores éticos, morais, e ainda, sobre a justiça e injustiça cometida em uma sociedade pelo prestígio moral de uma época, contudo ela tem o poder de confrontar passado x presente, e dar indícios para um futuro próximo.

A literatura também pode, ainda educar uma sociedade, dar conteúdo a um indivíduo, ela pôde, pode e poderá ofertar ao “estudante uma oportunidade de alargamento do horizonte de experiência” (BREDELLA, in SOZZA 2009, p.350). Presume-se, que o desenvolvimento do processo de leitura, seja de extrema importância na formação do homem durante toda a sua vida, não só nos bancos da escola, como forma de estudo e em seu bom desempenho no papel de estudante, mas, essencialmente, para sua descoberta pessoal, sua formação integral.

A leitura tem mais do que uma definição, o conceito dependerá dos objetivos que se quer com determinada leitura, há a leitura por deleite, a que se tem a intenção em encontrar determinada informação, a que se faz por imposição, em busca de nota, por estudo, que geralmente é praticada na escola, então, a leitura será praticada pelo indivíduo conforme cada contexto em que ele esteja inserido, segundo ao objetivo que se tenha com aquela leitura. Mas o que diferencia os leitores é à maneira de como cada qual lê, compreende, interpreta ou absorve o texto, por que:

[...] a relação direta que existe entre o ato de ler, entre o mundo e a língua. Para que se garanta a solidez dessa relação, é necessário desenvolver o domínio do aspecto mecânico da leitura, a percepção, o reconhecimento e a compreensão do código escrito, tarefas normalmente de responsabilidade da escola. Ressalta-se que a leitura de textos não se processa na simples decifração do código, mas sim no momento em que o documento escrito servir de instrumento para o ato de ler como exercício de compreensão do mundo e de si mesmo. Entendida desta forma, a leitura de textos escritos está em sintonia com a leitura entendida no seu sentido mais amplo, na medida em que auxilia o ser a estar “com o mundo”, diferenciando-se uma da outra apenas pelo tipo de linguagem e pelos instrumentos utilizados. (MACHADO, 2001, p. 66)

No entanto, o leitor não pode nem deve ater-se apenas a leitura decodificante, leitura de palavras, ater-se a compreensão da sequência das frases, ele tem que desenvolver outras pertinências, como contexto histórico e social, experiências e visão de mundo e entre outros, estas habilidades leitoras implicará no domínio de leitura, na formação do leitor literário, domínio este que vem a ser ofertado pelo texto literário, porque o contato cotidianamente com a leitura literária, desperta as habilidades de compreensão de mundo, de contexto social e histórico, aumentando suas experiências leitoras, aumenta a oportunidade de leitura, aguça o conhecimento pela leitura literária (SOZZA, 2009, p.350 – 351).

Evidencia-se uma grande contradição em nossa atual sociedade: “(...) se vive a era da complexidade enquanto, isoladamente, um aspecto de limitação do ser humano se faz presente: a dificuldade de compreender os códigos de sua língua, (...)”(Revista ensino Superior, 2004). O que se torna um empecilho para a compreensão do que se lê, e o que se ler, já que existe uma problemática de entender as palavras escritas, de entender a língua materna.

É importante que se incite o aluno a ler, mas não apenas em cunho de estudo, é preciso que ele adquira o hábito da mesma forma que se tem o hábito de ir à igreja no domingo, de escovar os dentes, tomar banho, de verificar e-mails estes que são hábitos aprendidos culturalmente, e que fazem parte do cotidiano do indivíduo, assim também se faz necessário que a leitura se torne hábito para ser praticada.

(...) grande parte das escolas brasileiras não têm desenvolvido um trabalho sistemático de leitura com a preocupação de se formar leitores, pois o livro é compreendido como divulgador de informação e como instrumento necessário ao cumprimento de tarefas escolares, através de exercícios, privilegiando-se a memorização e a repetição do que já ensinado. (VÁLIO (1986) apud MACHADO, 2001, p. 71)

Lajolo (2001, p. 13) mostra falas de professores da década de 80, a respeito do incentivo a leitura aos alunos: “Motivamos a classe a ler, a ler sempre (...) poucos são os comentários de falta de interesse, talvez porque repito sempre o slogan: quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê.(...). Após um trabalho árduo e longo, o hábito de leitura parece ter sido implantado.” Lajolo complementa estas falas assim: isto não é incentivo e sim um trabalho, uma obrigação, cobrança e não o incentivo para uma leitura prazerosa, pois quando o professor nos diz em trabalho árduo, pesado, está transmitindo uma fala cheia de obrigações, então o incentivo se

torna algo cansativo e trabalhoso e não prazeroso, pelas falas exposta por Lajolo (2001):

(...) o vocabulário é repassado de obrigações e cobranças: *trabalho longo e árduo, atividade exigida, leitura obrigatória...* Expressões cinzentas e duras, em harmonia com uma escola como a brasileira, amarga e curtida por políticas educacionais equivocadas.

A função desse professor bem sucedido confina-se ao papel de propagandista persuasivo de um produto (a leitura) que, sob a avalanche do *marketing* e do *merchandising*, corre o risco de perder, ao menos em parte, sua especificidade. (LAJOLO, 2001, p. 13-4),

Percebe-se nesta forma de incentivo a obrigatoriedade com a leitura apenas como cunho de estudo e vendem a leitura como um produto, que o ajudará a falar melhor, e deixa de lado o prazer, o ensinar, o lúdico, a compreensão do texto, a criticidade e a criatividade.

A leitura quando cobrada, imposta não faz sentido, é uma leitura vazia e não é motivo para ler, a leitura deve ser praticada pelo ato de ler e não para simplesmente porque precisa-se estudar ou obter-se nota. Certamente, a leitura irá e poderá abrir muitas portas, poderá dar estrutura ao estudante, ela é capaz de mudar o indivíduo no todo, pensamento, criticidade, criatividade, aguçar o conhecimento, tudo isso e mais ainda, é através dela que se compreende o mundo que nos cerca, mas precisa-se que o faça com certa competência e é isso que se precisa discutir, é esta leitura que tem que ser praticada e incentivada.

Em um discurso do professor Tião Rocha (Palestra no ano de 2008), ele expôs uma metodologia de ensino: “Vamos levar nossos alunos para debaixo de uma árvore e ensinar Química, Biologia, Matemática...”. Porque se compreende que: “o conhecimento que identifica uma ciência e uma disciplina escolar é histórico, não é estanque, nem está cristalizado, (...)” (DCNs, 2008, p. 26), ou seja, precisa-se livrar-se dos moldes pré-estabelecidos para ensinar o aluno contemporâneo, pois é preciso novas metodologias, tecnologias, não é necessário levar quarenta alunos para debaixo de uma árvore, pois o universo escolar brasileiro da rede pública não permite esta ação, por diversos fatores, mas pode-se recitar poesia de um modo diferente, pode-se narrar um conto de forma diferente, deve-se incentivar e ensinar a leitura de forma diferente, por que não se lê uma notícia da mesma forma que se lê um artigo para estudo, não se lê um texto por deleite da mesma forma que se lê um texto para a prova, e o aluno não compreende uma obra da mesma forma que se compreende o resumo dela, uma reticência dela.

3.2.1 O professor enquanto propulsor da leitura literária

O aprendizado é algo singular e cada qual tem sua forma de processar o aprendizado, de acordo com Freire apud Barreto (2004, p.61) “as pessoas não são objetos e sim sujeitos neste processo”, conhecer, porém é uma aventura pessoal, impossível de ser transferida de uma pessoa para a outra. Deste mesmo olhar é a leitura, uma aventura unicamente pessoal, pode ser compartilhada, porém vivida somente por cada um. A leitura é feita de acordo com as experiências, conhecimentos e pré-disposição de cada um. O livro, a obra tem seu devido valor, de acordo com cada leitor, com suas capacidades e habilidades leitoras.

Um dos motivos da “crise do ensino de literatura” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.207), é a falta de gosto por literatura, pois, censuram os alunos por eles não gostarem de ler, porém, não gostarem do que em muitas vezes não conheceram. Por outro lado o docente não tem estimulado os discentes à leitura literária, pois não basta apenas saber ler, ter a técnica, mas sim dominar o sentido do código, “(...) o que envolve outras pertinências como contexto social e histórico, visão de mundo e outros aparatos”. (SOZZA, 2009, p. 351).

Evidencia-se a importância do livro, a relevância da obra literária, os valores culturais e históricos que estes trazem ao passar de geração a geração, o poder de conhecimento, de favorecer a criatividade, o instrumento de emancipação que vem a ser a leitura literária, pois a:

A função exercida pela literatura moderna, em seus melhores momentos, foi a de dizer “não” a uma realidade inaceitável e de sugerir a possibilidade de outras histórias (não de indicar ou de prescrever soluções, como nas utopias políticas). Atualmente, a literatura parece contentar-se com espelhar uma realidade fragmentada, desprovida de valores e, portanto, de utopia. (PERRONE - MOISÉS, 1998, p. 206)

O que se pode perceber no cenário contemporâneo, essencialmente nas escolas públicas das séries finais do ensino fundamental e ensino médio é, que com o passar dos anos tem aumentado, e continua a aumentar a repulsa por livros, por leitores de bons livros e pela leitura literária. É necessário entender este fenômeno, tendo em vista que, o professor é quem tem a função social de ensinar a ler e a escrever, ou seja, o professor exerce um importante papel para a utilização destes instrumentos dentro da escola e sala de aula, na condução do aluno para a leitura, para o contato com livro, o contato com a literatura e na formação das competências e habilidades leitora do aluno.

A autora Zilberman (2003, p.16), afirma que a sala de aula é o lugar iminente para desenvolver o gosto pela leitura, e um espaço importante para o intercâmbio de cultura literária, e o professor é a conexão entre o intercâmbio e o gosto pela leitura, no entanto, é preciso que ele atue de forma criativa, que venha a estimular no desenvolvimento integral do seu alunado, e é imprescindível, o gosto pela literatura, a importância que a literatura tem na formação do aluno, sendo que ela fornece condições que propicia para essa formação, pois ela representa o mundo através das palavras, de forma criativa propicia a aprendizagem.

Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. A literatura tem sua importância no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições que propicia à criança em formação. Essa literatura é um fenômeno de criatividade, aprendizagem e prazer, que representa o mundo e a vida através das palavras. (ZILBERMAN, 2003, p.16)

A relação, interação entre literatura acontece através de textos por intermédio dos – intelectuais – por professores, sabe-se que a literatura ajuda na formação de um ser pensante, crítico e autônomo, porém o professor necessita inserir o aluno no mundo da literatura, que é um processo prazeroso, de deleite, que quando bem utilizado no ambiente escolar auxilia na construção do conhecimento, o discente se deliciará com as histórias, textos diversificados, suscitando seu imaginário, aguçando seu aprendizado através do mundo das palavras. “Hoje se percebe também que quando bem utilizado no ambiente escolar, o livro de literatura pode contribuir ainda para o desenvolvimento pessoal, intelectual, conduzindo a criança ao mundo da escrita.” (2003, p. 16).

O conhecimento nasce da ação, de uma ação de confronto, à medida que surge à necessidade de aprender constrói-se o conhecimento, e todos os indivíduos são capazes de uma ação, e com ela a construção do conhecimento, então, ninguém pode ser vazio do conhecimento, mesmo que alguns saibam mais e outros menos, todos trazem consigo algum conhecimento, e a leitura é assim, todos os seres tem alguma leitura, pouca ou muita habilidade, mas sempre será possível se ter mais leituras, mais habilidades, mais capacidades leitoras, e mais conhecimento, depende dos estímulos, do meio em que o ser esteja inserido, de sua comunidade social, das mediações que se têm recebido e que se possa receber em seu cotidiano, e esta é uma das funções da escola, inserir o indivíduo no mundo das letras, pois “ainda que a escola não seja o único lugar social onde os indivíduos

possam aprender a ler e escrever, ela é explicitamente cobrada.” (GALVÃO, 2007, p.58-59).

O professor como qualquer outro indivíduo, está sujeito a condicionamento, que muitas vezes fogem de sua compreensão, tornando-se reprodutor de tendências. Nagel (2007, p. 26) expõe: “(...) a pedagogia segue limites hegemônicos, onde o homem desejado pelo mercado caminha para a superação do atraso educacional. Mas, o rótulo das novas competências implicitamente, está comprometido com as velhas demandas.” O homem manipulado pelo capitalismo, o homem que não irá questionar, apenas, estar no mercado, o homem que irá cada vez mais agregar somente para si e sua família, o homem indivíduo, não o coletivo, o homem moldado pelo capitalismo, ter, ter e ter sem importar-se com as consequências. “Com a globalização, exacerbou-se a lógica do individualismo desenfreado, em que compete a cada um ajudar a si mesmo (...)”. (MAZZUCO et al. 2007 p.202).

Neste contexto: “(...) a escola mais reflete do que se reflete na sociedade brasileira; ela não transforma a sociedade, mas tende a reforçar a ordem, e sua defesa como instrumento de promoção social acaba explicando a miséria social como o resultado da incompetência individual,(...)” (XAVIER, 2007, p.10). A escola tem seu papel na formação dos jovens que estão nos bancos das escolas, a escola tem o papel de alimentar a superação, promover a educação no todo, porém o cenário presenciado por diversas vezes é o da desilusão, perdição, quando utiliza-se de exemplos, de receitas, livros de auto ajuda, vídeos, filmes, de seres que diante das mais adversas condições físicas, sociais, econômicas conseguiram vencer na vida, alterando seu status, alcançando a tão sonhada ascensão social, quando na realidade indivíduos oriundos de classes de pouco poder aquisitivo, são raras as vezes que conseguem mudar de condição de vida, cabe aos docentes e a escola desmistificar este mundo e valorizar a educação, real caminho para o êxito.

A leitura, pode ainda ocorrer de diversas formas, e por diversos meios, olhar para uma paisagem, assistir um noticiário, novela, filme, navegar na Internet, um panfleto de anúncio, propaganda, tudo pode ser lido e decodificado, mas o enfoque está na leitura de livros, na leitura literária, sendo que: “Os valores estéticos – literários são diária e progressivamente vencidos por uma cultura de massa embrutecedora, ou transformados em mercadoria de grife na indústria cultural.” (PERRONE - MOISÉS, 1998, p.206). Os livros são patrimônio cultural, porém,

acabam por muitas vezes sendo apenas um amontoado em prateleiras e basicamente servem para acumular poeira. Mas, as possibilidades do exercício da crítica através da leitura literária são bem maiores do que aquelas oportunizadas por outros meios de comunicação. Apesar disso percebe-se que:

A estética é uma das esferas da vida social, e o que ocorre numa delas repercute nas outras. A agonia e a possível morte da arte e da literatura já vêm sendo anunciadas há tanto tempo que não nos comovem mais. Sabemos que, em todos os períodos de mutação, o que está morrendo é mais visível do que o que está despontando. Entretanto, o que vemos acontecer hoje não é a proposta de uma nova forma de arte que repugna aos antiquados, mas a repetição desgastada de velhas formas, a multiplicação da mesmice. E o abandono, por parte de escritores e leitores, de qualquer propósito maior a ser alcançado pela escrita poética. Os valores literários e a própria literatura, como valor, estão passando certamente por uma fase mais difícil do que aquela em que a rejeição burguesa ocasionou a assunção, pelos poetas modernos, de um projeto altivo, desafiador e potencialmente suicida. Agora, em vez de ação e reação, há estagnação e conformismo. (PERRONE, 1998, p.207)

Atualmente percebe-se que a literatura não é valorizada em nossa sociedade, ela não tem mais o seu lugar de privilégio, (PERRONE – MOISÉS, 1998, p.204), e possivelmente, muitos desejam que ela não exista, quanto mais como disciplina, Zilberman; Silva (1990, p. 12) faz com que se reflita, a respeito da literatura na antiguidade, que era comum entre uma guerra e outra, usá-la como entretenimento para a nobreza, em forma de concursos de teatro e declamações de epopeias, porém ela ainda tratava de outras funções; histórica ao, “contar as origens do povo”, política, “ao estabelecer um elo de identidade entre os indivíduos pertencentes a uma determinada nação”, falava de religião, quando, elucidava a diferença de homens e Deuses, e social quando enumerava as normas que caberia ao cidadão seguir.

Contemporaneamente como em séculos anteriores, poucas pessoas têm ou tiveram acesso à literatura, a cultura dos nobres, e há contribuição dos governantes, das classes abastadas para a manutenção deste contexto, pois para muitos a leitura literária, o senso estético, é uma questão de classe social. No entanto o gosto pela leitura literária é uma questão de hábito. Sabe-se, que a clientela das escolas públicas é oriunda da classe trabalhadora, “A escola pública brasileira, nas últimas décadas, passou a atender um número cada vez maior de estudantes oriundos das classes populares.” (DCEs, 2008, p.14). Daqueles que não tem direito a sobremesa, como, Antônio Candido expõe em seu artigo “Direito a Literatura” (2004), pois se os trabalhadores, não tem costume de comer sobremesa,

logo não tem gosto por ela, assim também pode vir a ser com os alunos das escolas públicas.

Portanto, Candido (2004), relata experiências neste artigo, que obras de autores clássicos foram ofertadas a estes trabalhadores, que não conheciam a sobremesa, experiências que se obteve êxito, então, a leitura literária é uma questão em ser oportunizada ou não. Esta é uma tarefa dos docentes, levar o livro para a sala de aula, apresentar o livro, estimular a leitura na íntegra da obra, pois talvez, será esta a única oportunidade, destes alunos terem contato com a literatura e com a boa literatura. A escola se faz precisa e decisiva na formação do leitor, segundo Barker & Escarpit, (1975, p.122) "(...) os estudantes são sem dúvida, leitores mais assíduos quanto mais permanecem na escola", e Lins (2007, p.7) ressalta o papel da escola nessa formação, quando expõe que em muitas vezes os alunos têm somente os livros escolares como meio para a leitura de literatura, o único caminho para compreender o que são as letras e os escritores.

Para que haja uma continuidade do comportamento positivo em relação ao livro, é preciso que o hábito de ler não seja apenas um padrão rotineiro de resposta, automaticamente provocado e realizado. A busca frequente da literatura precisa surgir de uma atitude consciente, da disposição de enfrentar o desafio que o texto oferece como nova alternativa existencial. (Barker & Escarpit, 1975, p.122).

O aprendizado da leitura, no contato com a literatura, com os textos que circulam socialmente, com os conteúdos pertinentes ao aprendizado da leitura emancipadora, que formarão alunos leitores e não indivíduos que apenas saibam decifrar o símbolo, porque se faz necessário que o docente instrua o alunado a ler de forma competente e não alunos que consigam decodificar textos, que sabem ler palavra por palavra, porém com imensas dificuldades de compreensão do que tentam ler. A ajuda/apoio do docente no desenvolvimento, no aprendizado da leitura se faz especialmente necessária.

Segundo os autores, Candido (2010), Zilberman (1991) e Perrone – Moisés (1998), a falta de convivência com obras de arte/literatura, de pessoas que leem, contribui para a falta de aceção pela leitura literária, sendo que o bom gosto pela leitura não é nato, não nasce em si, da autonomia de se querer ler bons livros, isso é algo apreendido, agregado culturalmente. Se a leitura não é praticada, não é agregada no dia a dia, o senso crítico, argumentador, a interatividade fica comprometida, quem não lê tem um repertório limitado, o que limita sua participação ativa, a capacidade de intervenção e a inclusão cultural.

A oferta de livros, o incentivo a leitura de clássicos na íntegra, tem em seu fazer didático a comunicação entre discente e docente através da leitura, e este que poderá aproximar o aluno do mundo da leitura, e o professor, poderá atuar como propulsor na formação deste aluno leitor, no aprimoramento intelectual do aluno. Para que se tenha uma atitude afirmativa em relação aos livros é necessário que se tenha o hábito de leitura, e que ela não seja apenas mais uma atividade escolar em busca de resultados que aprove o aluno (Barker & Escarpit, 1975, p.123). A procura por literatura precisa surgir de uma atitude consciente, da intenção de se querer enfrentar o desafio proposto pelo texto.

O professor tem o dever de comprometer-se com a formação do aluno leitor, estingando o aluno a interagir de forma autônoma com o conhecimento, desenvolver sua criticidade, que é fundamental para a percepção do processo de leitura de literatura (Silva, 2011, p. 224). O efeito que a leitura gera, está ligado ao conhecimento prévio do discente as suas experiências leitoras, pois cada leitura é absorvida de forma diferenciada por cada leitor, as obras não são recepcionadas por todos da mesma maneira, cada um tem suas histórias de vida, suas influências leitoras, nesse sentido o professor precisa conhecer seu alunado, respeitar a sua bagagem herdada, acumulada em sua vida.

3.2.2 As mídias como influência à leitura literária

O jovem expressa suas emoções e preferências através da sua cultura, obtida do meio em que vive, de sua língua, comunicação, da forma como sua família o integra no meio social, ou seja, o expõe nos percursos da vida, que segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais (2008, p. 14), “um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar”.

Existiu o tempo em que povos se comunicavam por batiques de tambores, por fumaça, pela oralidade, tempo em que os costumes, cultura, conhecimento de um povo era transmitido apenas oralmente, por relatos, rodas de conversas, “A cultura é uma continuidade em transformação. Não pode existir nem

no vácuo de tradição nem na imobilidade e no isolamento.” (PERRONE – MOISÉS, 1998, p.202), a cultura é a tradição e valores de uma sociedade, acumulada historicamente, a continuidade socialmente de um povo.

Com o surgimento da escrita, a informação começou a tornar-se mais palpável, e claro com a escrita, o domínio por quem detinha este conhecimento, depois folhetins, com impressão, livros, rádio, telefone, televisão e agora na contemporaneidade um apanhado de tecnologias, que nos torna cada vez mais dependentes. Estas tecnologias têm ganhado cada vez mais espaço:

Não há sinais de que as novas tecnologias da comunicação estejam contribuindo para a troca de informações culturais consistentes e significativas; o que se vê é uma proliferação de dados superficiais, relativos a todas as áreas e todas as culturas, embalados em invólucros vendáveis e perecíveis na memória dos usuários. (PERRONE – MOISÉS, 1998, p. 204)

Segundo Perrone – Moisés (1998, p. 202), existe uma falsa globalização, uma falsa união no mundo globalizado pela comunicação, universalização que não uni, mas individualiza os seres, mundo em que não há mais a comunicação, há bisbilhoteiros em redes sociais, há comunicação por necessidade em se estar com o celular, *i-pod*, *smart-phone* na mão e conectados a rede o todo tempo.

Leyla Perrone-Moisés, cita em seu livro *Altas literaturas*, o autor Jeff Guinn, que na década de 90, preocupava-se com o que os estudantes Norte-americanos poderiam herdar da literatura, pois será que no futuro – hoje – “só poderiam ter acesso aos ‘best-sellers’ ou obras ‘politicamente corretas’, permitidas pela censura” (1998, p.208), e é necessário refletir a respeito do público leitor, pois “sabe-se que o aumento do público leitor significa o acesso à informação não atingida pela ‘tesoura’ da censura e, por isso mesmo, mais objetiva em termos de colocação (...)”. (DA SILVA, 1986, p. 13).

Na década de 60, logo após o golpe de Estado de 1964, a educação, não foi prioridade de investimentos, pois se conhecia a impossibilidade do mercado de trabalho, absorver a demanda de mão-de-obra. E segundo observadores da época, os qualificados que não encontrassem emprego, revoltar-se-iam contra o sistema vigente, tornando-se um risco para a manutenção da estabilidade social. “No período de 64 a 66 o setor educacional ocupou um pequeno espaço nas políticas e programas econômicos.” (BARBOSA, 2007, p.68). Em vez de melhorar a educação, empenhou-se em revestir a formação do cidadão, de um caráter cívico, valorizando

os grandes heróis, apreço à pátria, veneração à democracia Ocidental cristã versus o comunismo ateu.

Entre os intelectuais também havia, por outro lado, um certo temor de que a alfabetização pura e simples – caso não viesse acompanhada de uma formação moral – se transformasse em uma arma que, por sua própria natureza, é “perigosa” (Heitor Lyra da Silva, apud Carvalho, 1998:150). Carneiro Leão chega a afirmar em 1916, que temia que a alfabetização generalizada pudesse aumentar a “anarquia social”, pois “Toda essa gente que, inculta e ignorante, se sujeita a vegetar, se contenta em ocupações inferiores, sabendo ler e escrever aspirará outras coisas, quererá outra situação e como não há profissões práticas nem temos capacidade para criá-las, desejará também ela conseguir emprego público” (PAIVA, 1983:92 apud GALVÃO, 2007, p. 42)

As mídias tem demonstrado que o jovem contemporâneo está nitidamente integrado com uma cultura ‘popular’, está voltado para a música massificadora, como o ‘funk’, que se utiliza de uma linguagem de pouco conteúdo e nenhuma elaboração estética, voltado para o cinema “televisão”, interessa-se por filmes comerciais, telenovelas, *reality shows*, jogos eletrônicos e claramente deixam de lado, esquece-se, desliga-se da cultura mais elaborada, presente, por exemplo, no teatro, nas músicas clássicas ou Música Popular Brasileira (MPB), nos romances clássicos, na poesia. Esta cultura de massa, por utilizar-se frequentemente de imagens e áudios mais envolventes, mais atrativos que os livros, têm um maior público, pois segundo Lins apud Machado:

(...) Não apenas, de certo, pelo ar triunfante desses meios, não apenas pelas audiências que alcançam; e não, também por irem ao encontro da alarmante passividade para a qual – quando não opta pela violência – vai deslizando o homem contemporâneo. Mas devido a sua ancianidade. Atacadas pela superstição do novo (uma das palavras mágicas da publicidade), coisas antigas como a escrita e o livro teriam de parecer-nos um tanto obsoletas. (2001, p. 68)

Com este novo cenário o atual aluno acaba por ter leituras simplórias, prefere as narrativas atuais de ficção científica, histórias em quadrinhos, ou histórias que tragam apenas imagens (bem curtas, fáceis, sem vocabulário diverso, linguagem do dia a dia, sem criticidade, o que está dito, está escrito, pensa-se pouco), e frequentemente, abandonam as leituras de obras clássicas, os textos de cunho artístico, a leitura de literaturas que se aproximam da realidade e que inúmeras vezes trazem denúncias das mazelas sociais e humanas. Percebe-se então que: “(...) a juventude de hoje é pouco amiga dos livros e dá as costas à leitura. Dona de um vocabulário muito parco, sua fala é ainda corrompida pela gíria (...)” (LAJOLO, 2001, p. 8).

O jovem contemporâneo encontra-se em um período da “crise da leitura de qualidade”, (PERRONE – MOISÉS, 1998, p.209) ou seja, ocasionalmente, têm-se no ambiente escolar leitores que possam argumentar, formadores de opiniões, críticos, que possuam uma linguagem mais rica e diversificada.

Denota-se, que as práticas de leitura mudaram e está mudando, e por consequência a forma de selecionar a leitura também, e, com isso, o discente contemporâneo é leitor, lê, mas não seleciona adequadamente o que lê: “[os alunos] leem livremente o que lhes cai nas mãos, misturando gêneros e atores, disciplinas e níveis” (MACHADO, 2001, p. 61). De certo ponto de vista, o aluno tem se transformado em um leitor ativo de tudo e nada. Contexto que aponta para um novo aluno leitor, o leitor de consumo, não o leitor estudioso, lê por ler, aquele que lê sem atentar-se às palavras que lê, pois ele é mero decodificador, percebe apenas letras e faz a junção, decodifica as palavras, sem atenção, sem observar significados, sem ler o que está ao redor imagem, momento, ação que são produzidas.

Porém compreende-se que a leitura não é algo com o qual o indivíduo nasce, e sim se aprende, a leitura literária é cultural, precisa ser adquirida, ser ensinada, e convencionalmente cabe a escola a introdução no mundo das letras. O indivíduo, expressa suas emoções e preferências através da sua cultura, do meio em que vive, de sua língua, comunicação, da forma como sua família o integra no meio social, ou seja, o expõe nos percursos da vida.

O aluno contemporâneo está imerso no mundo das informações, está conectado a tudo, está imbuído de diversas atividades ao mesmo tempo. Ele é escritor, pois está teclando, deixando recados em *blogs*, mandando um depoimento em *sites* de relacionamento, ele é leitor, pois da mesma forma que ele escreve também escrevem para ele, e segundo Murano (2011, p. 28): “Percebe-se que o jovem de hoje lê mais, tem mais informações e isso deve-se à internet”, que para Braff apud Murano (2011, p. 28), “essa geração que já nasceu imersa na tecnologia não possui carência de informação, pois está sempre conectada”, esta é uma das características do alunado contemporâneo, já ‘nasce’ conectado, está cercado de informações.

Não foi muito antes dos anos cinquenta que chegou ao Brasil a ideia de que a juventude (adolescência) constitui faixa etária determinada, com comportamentos hábitos, sentimentos e problemas específicos [...] A argamassa mais visível a cimentar tal identidade foram os hábitos de consumo [...]. (LAJOLO, 2001, p.27)

Neste atual cenário, o educando está exposto a este novo tempo, a “era das tecnologias”, é comum escutar na mídia, ler em noticiários, artigos, pesquisas que, “estamos expostos à revolução tecnológica”, e concordando com o escritor argentino Ricardo Piglia, o problema do discente moderno com a leitura não está na questão de ler, mas sim, na absorção, interpretação, e no quê e na forma em que lê:

Quando se diz que uma imagem vale mais que mil palavras, o que se quer dizer é que uma imagem se decifra instantaneamente, mil palavras levam um tempo maior. Há um choque entre temporalidade humana e instantaneidade da percepção. Temos tudo disponível para ler, mas um tempo que não se pode acelerar. Temos a mesma velocidade de absorção da época de Aristóteles. Qualquer informação que recebamos, havemos de lê-la num tempo que é o da linguagem. Há mais consumo de imagens, de imagens narrativas, e o tempo para ler é o da linguagem. (PIGLIA, 2011, p. 14)

As tecnologias atuais proporcionam mais leitura, a informação se propaga em segundos, tem-se acesso a obras clássicas em apenas um click, a internet propicia o acesso aos mais diversificados conteúdos, seja para estudo ou para diversão, ela proporciona a leitura diversificada, há quem a veja com “bons olhos” e quem a vê com “maus olhos”:

O crítico de tecnologia Nicholas Carr “defende a tese de que a navegação na internet está interferindo em nossa capacidade de leitura”, pois para ele a leitura proporcionada pela internet é superficial, Carr afirma “antes estávamos mergulhado num oceano de palavras”, agora, “esquiando nesse oceano”. (MURANO, 2011, p. 28)

Já o escritor Laub apud Murano (2011, p. 29): “Os que leem textos mais longos são uma minoria como sempre foram. Mas o restante das pessoas, que há uma década não lia nada hoje trabalha com o texto escrito boa parte do tempo, e isso cria um certo hábito de leitura, mesmo que diluído”.

O escritor Piglia (2011, p. 14) diz que a “Literatura é, sobretudo, uma prática, não só uma leitura. Está conectada ao mundo social”. Sendo ela uma prática, então nada melhor do que praticá-la e a internet colabora para que ela aconteça, mesmo não sendo a forma adequada, ainda assim é um caminho para que o aluno contemporâneo crie o hábito de leitura, sendo o hábito que irá proporcionar a leitura prazerosa, que poderá incutir o gosto para a leitura, que poderá fazer com que o aluno queira e tenha a capacidade de ler e esta por sua vez poderá transformar o aluno em um aluno-leitor.

Os pesquisadores de linguagem, afirmam que se aprende a ler lendo, “(...) aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo” (MARTINS, 1986, p. 14), em o filme O

Leitor, a personagem Hanna Schmitz, aprende a ler exatamente assim, praticando, porém neste caso ela era analfabeta, mas acima de tudo ela era maravilhada pela leitura, havia a pré-disposição, pois amava ouvir a leitura de seu 'amante', assim ela foi uma ouvinte e depois uma leitora, constituindo um dos possíveis processos para formar alunos leitores. Pois, segundo Freire, para ser um bom leitor tem que se praticar:

Se é praticando que se aprende a nadar,
Se é praticando que se aprende a trabalhar,
É praticando também que se aprende a ler e a escrever.
Vamos praticar para entender
E aprender para praticar melhor. (FREIRE, 1989, p. 27)

Contudo a formação de alunos leitores é uma tarefa árdua e contínua, além disso, não depende apenas da escola ou dos professores, mesmo sendo, os docentes e a escola os responsáveis diretos em apresentar as primeiras literaturas, livros, ou outras fontes de informação, dessa forma, os docentes devem instruir sempre à leitura crítica, a compreender além do que se possa ver, em sala de aula, é tarefa do docente propor leituras críticas, pertinentes, concisas e coesas ao contexto do discente.

Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCNs, 1997, p.37)

Acredita-se que a internet pode ser uma grande aliada para o incentivo de leitura e para que se tenha o hábito de leitura, pois se os jovens estão sempre conectados, estão lendo, mesmo que superficialmente; ainda que não seja o conteúdo ideal, que não tenham o senso ideal, estão lendo, e o hábito de leitura obtém-se lendo. Porém esta é uma leitura de forma diferente que exigirá mais atenção.

Quanto a conteúdos adequados, a usá-la em prol da pesquisa que seja para estudo, caberá à escola, aos professores, pais e agentes educacionais orientá-los, guiá-los. "É claro que é preciso um olhar crítico, e este é o papel do educador, o

de orientar a busca, seleção e gerenciamento das informações que estão disponíveis na rede.” (CARRATI in MURANO, 2011, p. 29).

Pois, se os professores, pais e pessoas que se envolvam com o processo educacional, souberem guiar os discentes pelos caminhos que a internet oferta, descobrirão um mar de oportunidades para praticar leitura na rede. A internet não pode, nem deve ser vista pelos educadores como algo negativo, sendo que ela amplia as possibilidades de leitura. A escola deve orientar seus educadores para que a tenham como um instrumento a mais de aprendizado, como um instrumento a mais para se praticar leitura.

Na internet podem-se encontrar conteúdos dos mais diversificados possíveis, de entretenimento, música, pornografia, notícias, pesquisas complexas, obras clássicas das quais nunca antes acessíveis às classes de pouco prestígio social. A internet pode ser uma ótima ferramenta para o trabalho docente, pode-se usar para pesquisa, leitura, ela pode inserir novas propostas, novos conceitos em sala de aula.

Segundo Barbosa S (2012) há a possibilidade de se solicitar uma pesquisa, onde o aluno poderá praticar a pesquisa, a escrita e a leitura, como exemplo: o professor propõe que o educando busque informações de “Luis Vaz de Camões”, sua biografia, suas obras e influência delas na sociedade, período em que foram escritas, poderá dirigir qual obra o aluno fará a pesquisa, e depois da pesquisa pronta e feitas as discussões, pede para que se elabore um texto, e orienta as técnicas a serem utilizadas, com o material de pesquisa, orientando quanto ao famoso ‘copiar – colar’, que vem sendo usado sem limites e sem orientações. O aluno praticou a pesquisa, leitura e escrita, e o professor conseguiu dar a sua aula de Literatura e produção de texto.

Outra forma de estimular a leitura literária através da rede, é utilizar-se das bibliotecas virtuais, como o Portal Domínio Público¹, se a escola tiver um laboratório funcional, pode-se levar os alunos ao laboratório e fazer o *download* de obras na íntegra, ou ainda os alunos podem acessar o site de seus *smarts, I- phones* e ter as obras em seus aparelhos, e o docente poderá trabalhar com a obra em sua íntegra, não preocupando-se se existe exemplar para todos na biblioteca de sua escola (SOZZA, 2012, p.55-58).

¹ Portal Domínio Público biblioteca digital desenvolvida em software livre, disponível no endereço: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

Encontram-se inúmeras possibilidades de leitura online, é perceptível que a internet tem quebrado as fronteiras de acesso ao conhecimento, pois o saber está cada vez mais próximo da atual sociedade, mesmo das classes desfavorecidas, que durante décadas lhe foi negado, o que falta é a orientação adequada, o docente deve focar em estimular a leitura literária com ajuda das mídias que estão disponíveis no mercado atual.

O aprendizado da leitura cabe a cada qual, mesmo que ainda precise de auxílio e orientação, o ato de ler e de compreensão é singular, necessitamos ser guiados enquanto iniciantes para o conteúdo do que leremos e lemos.

Formar alunos leitores implica a prática de formar alunos que compreendam, saibam, entendam o que leem, este leitor deve ser capaz de selecionar, antecipar, inferir e verificar a sua habilidade leitora. O aluno leitor saberá o que é necessário para o seu apetite de leitura e para a sua formação como cidadão de uma sociedade, para a formação de leitor fluente, de um bom leitor, do leitor argumentador, o que aprende a compreender através e com os textos. (SOZZA, 2009, p. 351).

O leitor competente se forma praticando leitura constante e intensamente, assim afirma Zilberman, (1993, p. 7) “a leitura se praticada intensamente, repercute na fala e na escrita do aluno, auxiliando-o na organização do raciocínio e da expressão”. A leitura deve estar presente no cotidiano do aluno, é importante que se ofereçam textos diversificados, textos que contribuam, que forneçam, que sejam e tenham conteúdos significativos ao aluno contemporâneo, textos que favoreçam a reflexão crítica e a plena participação do aluno numa sociedade mais letrada (DCEs, 2008, p. 56) .

O aluno leitor será competente nesse processo ao ler o que lhe interessa, por deleite, por estudo ou por curiosidade, e desta forma poderá antecipar-se ao texto, apropriar-se do que está escrito ou não, do que está explícito ou que se esconde nas entrelinhas, e ainda será capaz de analisar a sua própria leitura, verificar as suas estratégias de leitura, ele saberá avaliar a sua performance de leitura, pois o aluno leitor competente é aquele que entende o que lê.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual cenário compreendeu-se que a herança cultural esta empobrecida, segundo Antônio Candido (2010), há interesse da elite para que este cenário perpetue, da Silva (1986), contribui com a percepção de que: quanto menos souber, menos se contribui para ações decisivas na sociedade, que sem a leitura literária não há o alargamento de horizontes, este que é necessário para a interação com o mundo, para mudar a visão de mundo, da realidade em que o ser está inserido.

Perrone-Moisés em seu livro “Altas Literaturas”, (1998), aponta o caminho para qual a literatura está caminhando – para seu fim – o atual quadro que presenciemos, é de crise da literatura, os alunos a rejeitam, não há interesse por ela, os professores a deixam de lado, a excluem, pois acarreta muito trabalho, primeiro em sua preparação, estudar, fazer as leituras, posteriormente pelo desleixo que os discentes a tratam.

Porém, a literatura é preciosa, amplia o conhecimento, a experiência do ser, aguça as formas e meios de se expressar, organiza suas ideias, despertando o senso crítico no aluno, apesar disso, Sozza (2009) aponta em sua pesquisa, que grande parte dos alunos de escola pública recusam-se a este contato, a depreciam, preferem as leituras fáceis – com muita imagem, de linguagem informal –, que se aproxima de seu cotidiano, por terem dificuldade de compreendê-la, pois ainda não, ativaram suas habilidades leitoras.

Constatou-se através das literaturas pesquisadas, que um dos motivos da crise do ensino de literatura é a falta de gosto por literatura, pela leitura desejada, quando se pensa em leitura, logo se atrela a escola, sala de aula, ao professor de língua Portuguesa, quando na realidade deve ser praticada de forma consciente, de forma interativa e desejada.

O jovem tem dificuldade em selecionar sua leitura, em refletir no que lê, e como lê, pois em muitas vezes não tem a habilidade de processar a leitura, ler um livro para ele é uma tarefa árdua e cansativa, porém passam horas lendo e postando na rede, então ele acaba lendo mais, mas como expõe o escritor Piglia (2011), em um tempo em que não é o da linguagem, eles têm pressa, são ansiosos e inquietos, consomem informações em um click, a internet nesse contexto torna-se aliada para

a prática da leitura, pois quanto mais se exercita leitura, mais próximo a ela pode se chegar e desenvolver habilidades que o torne um real leitor.

Porém a ansiedade em se querer tudo “para ontem”, não é o tempo ideal para a leitura concisa, então cabe aos professores exercitar a leitura de qualidade aliada à internet, instruí-lo, ensiná-lo a utilizar as ferramentas disponíveis, mas para tal prática, também há a necessidade do docente ser conhecedor das ferramentas disponíveis, inserir-se no mundo das tecnologias, e a escola deverá ofertar o suporte necessário para agregar-se está ferramenta as aulas de Literatura.

Percebe-se que não basta apenas apresentar o livro aos adolescentes e jovens, é preciso bem mais, é necessário que ele compreenda o que lê, e por que ler, a necessidade de poder se comunicar através das palavras, a importância e relevância da leitura na contribuição de sua formação enquanto um cidadão crítico, que conhece e cobra seus direitos, que se reconhece no mundo como um ser capaz de ter conhecimento, e não um ser moldado pela elite, que diz que não gosta de ler, que não gosta de livros, que não quer aula de literatura, que não há motivos para ler determinado autor, sem saber o que é ler um livro, sem conhecer a literatura.

A leitura é um meio de compreensão de mundo, porém atualmente, há um aumento no ato de ler, porém de leitura insignificantes, sem retorno, geralmente vazias, de assuntos fúteis, o que não estimula o pensamento, o que se faz necessário é que se tenha mais leituras que agucem o discente a pensar, e este é o papel da escola, elevar o nível de conhecimento do aluno, através da leitura de boas literaturas, se possível elevar a linguagem, dar auxílio a escrita, alargar sua visão de mundo, a escola tem o encargo de resgatar o valor da literatura, valores presente na sua cultura, pois é na escola que se tem a possibilidade de intercâmbio literário, dos valores sociais serem ressaltados e resgatados.

Contudo, o que se pode afirmar, é que se necessita ler, ler mais, desde os “best-sellers”, as literaturas clássicas, os livros de cultura popular as mídias, darão o estímulo necessário, a população em geral, já as literaturas clássicas fica a cabo das escolas e professores, pois as instituições não podem e nem devem eximir-se de sua responsabilidade, é na escola onde ocorre o intercâmbio da cultura literária, é na escola onde se tem a maior chance da leitura ser aprendida pelos discentes, e o professor (indiferente da disciplina que leciona) é o intermediário neste processo de ensino aprendizagem da leitura, da leitura de fato, é quem pode e deve oferecer apoio direto ao alunado na inserção e condução nos percursos da leitura literária.

A escola, professores, pais e adultos em geral devem incentivar a leitura dos mais jovens e ressaltar as inúmeras possibilidades que ela traz às pessoas, sendo que ela assume um importante papel quando conquistada plenamente pelos alunos. No entanto, oferecer apenas textos curtos que tragam mais figuras do que a linguagem escrita, que tragam a linguagem do cotidiano com conteúdos simples, é empobrecer o aluno, pois para uma formação rica de leitura é necessário que o aluno “se defronte com os escritos”, (PCNs, 1997, p. 37), que ele tenha acesso aos textos de linguagem simples e também de rebuscada, da palavra arte, para que assim cause impacto, para que o alunado pense, pesquise e estude, busque conhecer o que ainda não conhece, que o defronte para uma situação de aprendizagem. Assim ele poderá e irá refletir nas questões apresentadas pelos textos. A leitura quando conquistada plenamente dará autonomia e independência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rita de Cássia Ribeiro. Artigo: **As dimensões técnica e cívica da educação nos planos de desenvolvimento (1964-1974) in Políticas Sociais e Desenvolvimento: América Latina e Brasil.** São Paulo: Xamã, 2007.

BARBOSA, Socoro de Fatima Pacífico. **A Literatura no Ensino Médio.** 2012. Disponível em: http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/estagio_supervisionado_iv__a_literatura_no_ensino_madio_1360182744.pdf. Acessado em: 14/06/2014.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores.** São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

BRAGA, Maria de Fatima Almeida. **Práticas leitoras.** 2008 Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/EH/VIII/Maria%20Fatima%20Braga.pdf>, acessado em 14/05/2012.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** 11º ed. Rio de Janeiro, 2010.

_____, Antônio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. Duas cidades: Ouro sobre azul. São Paulo; Rio de Janeiro. 4. ed. 2004. p.169-191.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Língua Portuguesa. Paraná, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf Acessado em: 10/11/2013.

DA SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na Escola e na Biblioteca.** 2. ed. Campinas-SP, 1986.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. MARCHI, Diana Maria. **A Formação do Leitor Jovem: temas e gêneros da literatura.** Erechim, RS. Edelbra, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23º ed. São Paulo, 1989.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Preconceito contra o analfabeto.** São Paulo: Cortez, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Literatura: Leitores & Leitura.** São Paulo: Editora Moderna, 2001.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua Portuguesa.** Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>, acessado em: 10/11/2013

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo companhia das letras, 1998.

PIGLIA, Ricardo. **A Narrativa em família**. In Revista Língua Portuguesa. Ano 5º, Nº 64. Editora Segmento, 2011.

MACHADO, Tertuliana Corrêa. **A formação do aluno leitor**. Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79919/191050.pdf?sequence=1>. Acessado em: 02/08/2014.

MAZZUCO, Neiva Gallina. el at. **Artigo: As políticas sociais à luz da teoria da dependência: suas implicações no campo educacional in Políticas Sociais e Desenvolvimento: América Latina e Brasil**. São Paulo: Xamã, 2007.

MURANO, Edgar. **O texto na era digital**. In Revista Língua Portuguesa. Ano 5º, Nº 64. Editora Segmento, 2011.

NAGEL, Lizia Helena. Artigo: **Educação e desenvolvimento na “pós-modernidade”: algumas reflexões in Políticas Sociais e Desenvolvimento: América Latina e Brasil**. São Paulo: Xamã, 2007.

REVISTA ENSINO SUPERIOR. Edição 57. Disponível em: <http://tudosobreleitura.blogspot.com.br/2010/03/leitura-e-construcao-da-cidadania.html>. Acessado em 16/09/2014.

RIBEIRO, Janete Santa Maria. **A Literatura com Prática Social no Processo Ensino Aprendizagem**. Métodos e Técnicas de Ensino, livro 2, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 23º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Jose Aroldo da. **Discutindo Leitura**. Revista Letras, v.03, Nº02. Vitória da Conquista, 2011.

SOZZA, Fátima Aparecida de Oliveira. **Literatura e ensino: formação do professor x formação de leitor do aluno**. In: Cemmi – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 345-356. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2065.pdf>, acessado em: 08/ 08/ 2014.

ZILBERMAN, Regina.; SILVA, Ezequiel. Theodoro. da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **“A leitura na escola”**. In: ZILBERMAN, Regina, (org.) **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

_____. **A leitura e o ensino da literatura.** 2ª. ed. São Paulo, 1991.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Educação e desenvolvimento: uma retrospectiva histórica da construção da crença no poder da educação na sociedade brasileira.** In Políticas Sociais e Desenvolvimento: América Latina e Brasil. São Paulo: Xamã, 2007.